



HORACE WALPOLE: ABSURDO E NONSENSE NO SÉCULO XVIII

Prof. Ms. Maria Cristina Bessa Lima¹

<http://lattes.cnpq.br/9871915190759870>

RESUMO – *Contos Hieroglíficos*, um pequeno livro escrito e publicado por Horace Walpole em 1785, é virtualmente desconhecido – mesmo na Inglaterra. A seleção de seis contos recheados de nonsense leva ao extremo o peculiar humor britânico e o jeito inglês de criticar a sociedade através da excentricidade e singularidade dos personagens, diálogos e situações.

PALAVRAS-CHAVE – Walpole, literatura gótica, literatura inglesa, contos ingleses

ABSTRACT – *Hieroglyphic Tales*, a small book written and published by Horace Walpole in 1785, is virtually unknown – even in England. The selection of six nonsensical short stories, or tales, takes to the highest level the peculiar British humor and the English way of criticizing society through the absurdity and whimsicality of characters, dialogues and situations.

KEYWORDS – Walpole, Gothic fiction, English literature, short story

Introdução

Quem estuda ou aprecia literatura gótica certamente conhece Horace Walpole (1717-1798), autor do pequeno romance – *O Castelo de Otranto*, 1765 –, que passou para a posteridade como introdutor do gótico na literatura inglesa e iniciador do gênero literário que se tornou imensamente popular entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX.

Apesar dos exageros contidos na obra – apelos baratos ao medo e terror, presença do sobrenatural, fugas desesperadas, calabouços, vilões desalmados, donzelas em perigo, coincidências desconcertantes – as características da literatura gótica tiveram ali o seu berço.

O que talvez não seja do conhecimento de muitos, é que Walpole – o 4º. Conde de Orford (último de sua linhagem) – foi membro do Parlamento, estudioso e colecionador de arte,

¹ Mestre em Língua e Literatura inglesa, professora universitária.



historicista, editor, dramaturgo, autor de ficção e um dos mais prolíficos escritores de cartas do período – são milhares de cartas escritas durante toda a sua vida. Seu objetivo, como correspondente, era mais entreter que informar; assim, os fatos políticos ou acontecimentos sociais são tratados com razoável parcialidade.

Culto, viajado e sofisticado – além de muito rico – em 1753 Horace Walpole comprou uma pequena propriedade perto de Londres e começou a construção de um castelo neogótico, que denominou *Strawberry Hill*. Sua intenção era criar uma estrutura que refletisse a beleza da arquitetura inglesa antiga, recuperando as características góticas dos castelos e igrejas medievais. O castelo, constantemente remodelado e aumentado ao longo dos anos, era uma mistura de tudo que a imaginação e a fantasia de Walpole concebiam: vitrais, inúmeras salas, papéis de parede pintados à mão, torreões, balaustres, escadas ocultas, fachadas ornamentadas e gárgulas no telhado. Havia, ao lado do castelo, um anexo onde Walpole imprimia seus próprios livros e os de seus amigos, utilizando a única prensa particular da Inglaterra daquele período.

Com uma paixão tão grande pela Idade Média, é fácil perceber que *O Castelo de Otranto*, sua obra ficcional mais conhecida, representa uma extensão da fantasia recriada por Walpole em *Strawberry Hill*. Porém, vontade de entreter, imaginação e humor sardônico, conjugados, encontraram expressão numa de suas obras menos conhecida, dentro e fora da Inglaterra: *Hieroglyphic Tales* (1785), ou *Contos Hieroglíficos*, que Walpole editou e imprimiu apenas seis exemplares. Os *Contos Hieroglíficos* são uma coletânea de seis histórias – com aspecto de conto de fadas – mais um prefácio, um pós-escrito e inúmeras notas de rodapé, quase todas absolutamente ficcionais. O prefácio prepara o leitor para um mergulho radical num mundo de sonho, nonsense e surrealismo. “Os *Contos Hieroglíficos* foram indubitavelmente escritos antes da criação do mundo e, desde então, têm sido preservados, por tradição oral, nas montanhas de *Cramperaggi*, uma ilha desabitada e ainda não descoberta”, diz o prefácio. O pós-escrito sutilmente sugere que os *Contos* foram escritos como uma reação à falta de imaginação que grassava nos livros e romances daquele tempo, modulados pelo racionalismo imposto pelo Iluminismo e pelo pensamento científico do final do século XVIII.

O primeiro conto revê as “Mil e Uma Noites”, o segundo é o conto aqui traduzido, “O Rei e suas três filhas”, o terceiro é sobre uma menina que herda um elefante voador; na quarta história, um homem come um feto por engano; o quinto fala da busca de um imperador chinês por uma noiva que tenha o mesmo nome do pai, e o último satiriza o conflito entre guelfos e gibelinos, na Itália dos séculos XII e XIII.



Contos Hieroglíficos é uma obra surpreendente para sua época; personalíssima, ao mesmo tempo rompe os padrões literários e comportamentais do período e antecipa inovações literárias – especialmente as visões oníricas do surrealismo – que as vanguardas europeias só estabelecerão mais de um século depois.

Assim, Horace Walpole se junta ao refinado grupo de escritores ingleses – que inclui Jonathan Swift (*As Viagens de Gulliver*, 1726), Lewis Carrol (*Alice no País das Maravilhas*, 1865) e George Orwell (*Revolução dos Bichos*, 1945) – autores que, ao criar histórias pretensamente infantis, criticaram a política e as mazelas sociais de seu tempo através da sátira, do burlesco, do grotesco e do nonsense.

CONTOS HIEROGLÍFICOS

HORACE WALPOLE

Prefácio

(...)

O inestimável presente que estou oferecendo ao mundo talvez não agrade a todos os gostos, devido à seriedade do assunto, à solidez do raciocínio e ao conhecimento profundo contido nas páginas que se seguem. Torna-se necessário pedir desculpas por produzir este trabalho numa época tão frívola, quando nada recebe boa acolhida senão políticas transitórias, sátiras pessoais e romances vazios. A verdadeira razão, então, para tentar superar a todas essas objeções foi simplesmente esta: eu temia que o trabalho fosse perdido para a posteridade; e, ainda que possa ser condenado no presente, não tenho dúvidas de que será tratado com a reverência devida dentro de algumas centenas de anos, quando a sabedoria e o conhecimento terão conquistado a adequada ascendência sobre a humanidade, e quando os homens lerão apenas para a instrução e aperfeiçoamento de suas mentes. Como serão impressas cem mil cópias, algumas, eu espero, escaparão à destruição que é destinada aos trabalhos moralizantes, e assim esta jóia resplandecerá com seu brilho genuíno. Apressei-me em entregar este trabalho aos impressores, pois prevejo que a arte da imprensa logo estará totalmente esquecida, como sucedeu a outros importantes conhecimentos adquiridos pelos nossos antepassados, tais como a arte de dissolver pedras em vinagre quente, de ensinar elefantes a dançar na corda bamba, de fazer vidro maleável

(...)



Os *Contos Hieroglíficos* foram indubitavelmente escritos um pouco antes da criação do mundo e, desde então, têm sido preservados por tradição oral nas montanhas de Crampcraggiri, uma ilha desabitada e ainda não descoberta. Sobre esse fato temos documentos autênticos de muitos clérigos, que se lembram de ter ouvido os contos serem repetidos por anciãos muito antes deles, os citados clérigos, terem nascido. Não perturbaremos o leitor com esses documentos, pois sabemos que todos acreditarão na existência deles como se os tivessem visto. É mais difícil afirmar quem é o verdadeiro autor. [...] Os contos são incontestavelmente a obra mais antiga do mundo. [...]

Conto II. O Rei e suas três Filhas

Havia outrora um rei que tinha três filhas – ou melhor, ele teria três, se tivesse tido mais uma; porém, por um motivo ou por outro, a mais velha nunca havia nascido. Ela era extremamente bela, muito inteligente e falava francês com perfeição, como afirmam os autores daquele período, ainda que nenhum deles pudesse nem ao menos fingir que ela tivesse jamais existido. O que se sabe com certeza é que as outras duas princesas estavam bem longe de serem belas; a segunda tinha um forte sotaque de Yorkshire e a mais nova tinha péssimos dentes e uma perna só, o que fazia com que ela dançasse muito mal.

Como não era provável que o monarca viesse a ter outros filhos, já que tinha oitenta e sete anos, dois meses e treze dias de idade quando a rainha morreu, os súditos estavam muito ansiosos para que as princesas se casassem. Havia, no entanto, um grande obstáculo para que isso acontecesse, ainda que fosse muito importante para a paz do reino. O rei insistia que a filha mais velha deveria se casar primeiro, e como tal pessoa não existia, era muito difícil arranjar um marido apropriado para ela. Todos os cortesãos aprovavam a resolução de sua majestade; porém, como mesmo entre os melhores príncipes sempre há um grande número de descontentes, a nação estava dividida em diferentes facções. Os queixosos ou patriotas insistiam que a segunda princesa era a mais velha, e que deveria ser declarada a herdeira aparente do trono. Muitos panfletos eram escritos contra ou a favor, porém o partido ministerial deu a entender que o argumento do chanceler era irrefutável: este afirmava que a segunda princesa não poderia ser a mais velha, já que nenhuma princesa real jamais possuía sotaque de Yorkshire. Um poucas



peessoas que apoiavam a princesa mais nova tentavam defender seu pleito ao argumentar que as pretensões da jovem alteza à coroa seriam as mais justas, pois como não havia uma princesa mais velha, e como a segunda deveria ser a primeira – já que não havia primeira – e, como ela não poderia ser a segunda se era a primeira, e como o chanceler havia provado que ela não poderia ser a primeira, ficava extremamente claro aos olhos da lei que ela não poderia ser alguém de maneira alguma; e que, portanto, a consequência lógica que se segue – é óbvio – é que a mais nova deveria ser a primogênita, já que não havia outra irmã mais velha.

Incontáveis animosidades e intrigas se originaram desses diferentes títulos; e cada facção buscava se fortalecer através de alianças com estrangeiros. O partido da corte, não fazendo objeção às conexões, era o mais conectado de todos, e explicava seu apego às ligações pela ausência de alicerces em seus princípios. O clero em geral era devotado à primeira filha. Os médicos abraçaram a causa da segunda e os advogados apoiaram a terceira, ou seja, a facção da princesa mais nova, porque parecia a mais apropriada para justificar litígios duvidosos e infundáveis.

Enquanto a nação mergulhava nessa situação perturbadora, lá chegou o príncipe de Quifferiquimini, que teria sido o mais perfeito herói daquela época se não estivesse morto, não falasse qualquer língua senão o egípcio e não tivesse três pernas. Não obstante esses defeitos, os olhos da nação inteira imediatamente se voltaram para ele, e todos os partidos desejaram vê-lo casado com a princesa cuja causa eles advogavam.

O velho rei recepcionou-o com todas as mais insignes honrarias; o senado homenageou-o com os mais insinceros discursos; as princesas ficaram tão encantadas com ele que se tornaram adversárias ainda mais ferozes; as damas da corte e os cozinheiros inventaram mais de mil novas modas inspiradas no príncipe – tudo deveria ser feito *à la Quifferiquimini*. Tanto homens quanto mulheres abandonaram as maquiagens rosadas e adotaram o pó de talco para parecerem cadavéricos; suas roupas foram bordadas com hieróglifos e com os mais distorcidos caracteres que puderam descobrir nas antiguidades egípcias – e tiveram que se dar por satisfeitos com esses ideogramas, já que era impossível aprender uma língua que já estava perdida. E todas as mesas, cadeiras, bancos, armários e sofás passaram a ser feitos apenas com três pernas; os sofás, entretanto, logo saíram de moda por serem muito inconvenientes.

O príncipe que, desde a sua morte, possuía uma constituição fraca, ficou um pouco cansado com esse excesso de atenções, e muitas vezes desejava estar em casa, descansando em seu caixão. Porém, a maior de todas as dificuldades era se livrar da princesa mais jovem, que



saltitava atrás dele onde quer que ele estivesse. Ela estava muito admirada de suas três pernas; com a modéstia de quem só tem uma, demonstrava grande interesse em saber como as três pernas do príncipe funcionavam. Por ser o homem mais bem-humorado do mundo, lhe doía muito o coração quando, num momento de irritação, ele acabava por dizer uma palavra rude. Quando isso acontecia, ela desatava um pranto agoniado, que a deixava tão excessivamente feia que era ainda mais impossível para o príncipe ser gentil com ela. Ele não demonstrava uma inclinação maior pela segunda princesa; na verdade, foi a mais velha que conquistou suas afeições. E tão violentamente sua paixão cresceu numa manhã de terça-feira que, abandonando todas as considerações prudentes – pois havia um sem número de razões que deveriam determinar sua escolha em favor de uma das outras irmãs – o príncipe procurou o velho rei, revelou sua paixão e pediu a mão da filha mais velha em casamento. Nada poderia se igualar à alegria do velho monarca, cujo único desejo era viver para ver a consagração dessa união. Atirando seus braços ao redor do esquelético pescoço do príncipe e molhando com mornas lágrimas suas faces encovadas, o rei concordou com o pedido e acrescentou que iria imediatamente abdicar de sua coroa em favor do príncipe e de sua filha favorita.

Sou forçado por falta de espaço a deixar de lado muitas circunstâncias que iriam aumentar grandemente a beleza desta história, e peço desculpas por ainda aumentar a impaciência do leitor ao informá-lo que, não obstante a ansiedade do velho rei e o juvenil ardor do príncipe, as núpcias tiveram que ser adiadas. O arcebispo declarou que era fundamentalmente necessário que obtivessem a permissão do papa, pois as partes possuíam laços de parentesco em grau proibido; uma mulher que nunca foi e um homem que tinha sido eram considerados primos de primeiro grau aos olhos das leis canônicas.

Em seguida, surgiu uma nova dificuldade. A religião dos quifferiquimianianos era diametralmente oposta à crença dos papistas. Os primeiros não acreditavam em nada a não ser na graça; e eles possuíam sua própria autoridade eclesiástica, que acreditava ser o detentor de toda a graça existente e que, através da concessão dessa citada graça, poderia obrigar a ser tudo o que nunca tinha sido e poderia evitar que tudo que tinha sido pudesse tornar a ser.

- Não temos nada a fazer, disse o príncipe ao rei, senão mandar um solene embaixador até o sumo sacerdote provedor da graça, com a oferenda de cem mil milhões de lingotes. Ele fará com que sua encantadora não-filha venha a ser, e suspenderá a minha morte anterior, e então não haverá necessidade de pedir a permissão daquele velho bobo de Roma.



- Como? Oh, ímpio e ateísta saco de ossos! gritou o velho rei. Como ousa profanar nossa santa religião? Você não terá a minha filha, seu esqueleto de três pernas! Vá, se enterre e se dane, como merece; pois, como está morto, já não pode mais se redimir. Prefiro entregar minha filha a um babuíno, que tem uma perna a mais do que você, a uni-la a tão desprezível cadáver!

- É melhor você casar sua infanta de uma perna com o babuíno, respondeu o príncipe, eles combinam mais. Mesmo sendo um cadáver, sou melhor do que nada; e quem mais aceitaria se casar com sua não-filha, senão um defunto? Em relação à minha religião, eu vivi e morri nela, e não tenho o poder de mudar isso agora – porém, de sua parte...

Nesse momento, uma gritaria interrompeu esse interessante diálogo. O capitão da guarda entrou correndo na saleta real para avisar o monarca que a segunda princesa, como vingança pelo desinteresse do príncipe, havia dado sua mão em casamento a um salineiro, que era deputado na câmara dos comuns, e que a cidade, em consideração ao enlace, os havia proclamado rei e rainha, permitindo que o antigo monarca mantivesse seu título até o final de sua vida, para a qual eles tinham fixado um prazo máximo de seis meses. A câmara havia decidido também – com o respeito devido à nobreza de seu nascimento – que o príncipe deveria ser imediatamente homenageado com um belo velório e um pomposo funeral.

A revolução fora tão súbita e tão generalizada que todas as partes a aprovaram, ou foram forçadas a aprová-la. O velho rei morreu no dia seguinte, como os cortesãos afirmaram, de alegria; o príncipe de Quifferiquimini foi sepultado, apesar de seu apelo às leis das nações unidas; e a princesa mais nova ficou tão desgostosa que foi trancafiada num manicômio, onde suplicava dia e noite por um noivo com três pernas.

P.S. – As histórias precedentes foram oferecidas pelo que valem: são extravagantes tolices, escritas principalmente para entretenimento privado e, para diversão particular, imprimiu-se apenas meia dúzia de cópias. Elas devem ser consideradas, no máximo, uma tentativa de variar os bolorentos e surrados modelos de histórias e romances que, apesar de serem trabalhos de ficção, são quase que inteiramente desprovidos de imaginação. Dificilmente seriam críveis, não fossem essas histórias evidentemente oriundas da Biblioteca dos Romanos, que contém todas as aventuras ficcionais escritas em todas as épocas e em todos os países. Têm havido muito pouca criatividade, muito pouca variedade e muito pouca inovação nos escritos nos quais a imaginação não está acorrentada por regras nem pela obrigação de falar a verdade. Há infinitamente mais



invenção na História – que não possui mérito se faltar com a verdade – do que nos romances e novelas, que nunca tiveram essa pretensão.

FIM

Referências bibliográficas e links

MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.) *The Handbook to Gothic*. New York, NY University Press, 1998.

WALPOLE, HORACE. *Hieroglyphic Tales*. Strawberry Hill. Printed by T. Kirgate, 1785.

www.litgothic.com/Authors/walpole.html

www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/walpole.htm

para ler *Hieroglyphic Tales* (em inglês):

www.online-literature.com/horace-walpole/hieroglyphic-tales/

www.gutenberg.org/etext/14098